

RESUMO

Renata Biagioni Wroblewski

Mestranda do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Comunicação e Artes da Universidade de São Paulo - USP

Catherine Opie: limiares possíveis e retrato fotográfico

O pôster tem como objetivo discutir possíveis relações entre arte e sexualidade a partir de trabalhos de Catherine Opie. Através de retratos, confrontam-se no espaço artístico feminino e masculino, heteronormatividade e outras sexualidades e as diferentes formas nas quais podem ser exploradas o prazer. Repensar a presença destas sexualidades a partir do trabalho de Opie desenvolve-se em meio a práticas que possibilitam ruídos, inquietações, a contestação da hegemonia e da homogeneidade desses espaços.

Ainda que se encontrem frente às câmeras fotográficas, os sujeitos não se revelam, brincam entre disfarces, ironicamente simulam o normativo, uma simplificação do que se encontraria em jargões pejorativos, emprestam seus rostos sérios para servirem de molduras para enormes bigodes.

Os mecanismos de construção estão tão claros quanto os personagens enquanto constructos, criando armadilhas que desafiam padrões estáticos de assimilação. Aquele que vê o trabalho encontra-se cara a cara com personagens, tão perto que podem em muitos casos ver a cola que gruda os apetrechos que compõe cada rosto, participa como o reflexo de uma imagem no espelho. Seria mesmo possível afirmar, com ou sem exatidão onde estariam os supostos limites entre masculinos e femininos?

Os trabalhos de Catherine Opie ela reforçam as complexidades, mais do que apenas nomear a diferença. Se em algum momento um observador se encontrar olhando com espanto para qualquer dessas imagens, elas nos encaram de volta, numa relação que extrapola o momento entre fotógrafa e fotografado para se desenvolver entre imagem e observador.

Em seus auto-retratos e no retrato intitulado Dyke(1993), a artista apropria-se e explicita suas referências da pintura alemã do século XVI, em especial de Hans Holbein, que utilizou-se de padrões têxteis para servir de pano de fundo de muitos dos seus retratos, técnica esta posteriormente apropriada pela fotografia. O tecido que compõe o fundo não o faz de forma ordenada e discreta, como se observa em Holbein, mas com vincos, dobras, e pequenos descuidos que remetem mais as primeiras experiências fotográficas. Mas ao contrário de ambos, Opie coloca seus sujeitos de costas para a câmera e conseqüentemente, para o observador. Dar as costas para a câmera, além de romper com convenções históricas do retrato, evita fácil ambigüidade de gênero e secundariza o rosto na imagem, dando lugar à larga superfície de pele como tela, meio, e os cortes como inscrição, como gravado, como linguagem.

Catherine Opie mostra-se uma artista que se propõe a transpor os limites de exposição da arte, evidenciando este ambiente como lugar onde a neutralidade não é possível. Tomando como base uma pesquisa bibliográfica e documental, este pôster visa contribuir para o esclarecimento das circunstâncias que proporcionam a adoção de estratégias **sublimação das categoriais artísticas, sociais e sexuais não hegemônicas.**